



INTENSIFICADORES EXPRESSIVOS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA ANÁLISE DE *PRA X*

RENATO MIGUEL BASSO* | LUISANDRO MENDES DE SOUZA**

RESUMO

Neste texto, investigamos as características sintáticas e semânticas da expressão *pra caralho*, que é exemplo de “modificador gradual coloquial” formado por preposição mais item expressivo. Exploramos as diversas interpretações que resultam quando a expressão é combinada com diferentes estruturas linguísticas: nomes, adjetivos, verbos, pronomes e estruturas diferenciais. Argumentamos que se trata de uma expressão mista que contribui simultaneamente com a dimensão veri- e a uso-condicional do significado, e mostramos que, veri-condicionalmente, ela envolve graus mais altos que *muito*. Por fim, oferecemos uma análise semântica unificada para as diversas interpretações atestadas.

Palavras-chave: modificadores de grau, expressivos, adjetivos, semântica, sintaxe

ABSTRACT

In this paper, we investigate the syntactic and semantic characteristics of the expression *pra caralho*, which is an example of a “colloquial gradual modifier” composed by a preposition plus an expressive item. We explore the different interpretations in which this expression results when combined with different linguistic structures, such as: nouns, adjectives, verbs, pronouns and differential structures. We argue that *pra caralho* is a mixed expression that simultaneously contributes to the truth- and the use-conditional dimensions of meaning, and we show that, truth-conditionally, it involves higher degrees than the ones involved in *muito*. Finally, we offer a unified semantic analysis for the various attested interpretations.

Keywords: degree modifiers, expressives, adjectives, Semantics, Syntax

* Universidade Federal de São Carlos, UFSCar. *E-mail:* rmbasso@ufscar.br.

** Universidade Federal do Paraná, UFPR. *E-mail:* luisandro@ufpr.br.

Os autores agradecem os participantes do *Simposio sobre la expresividad*, ocorrido no Instituto de Linguística, Faculdade de Humanidades y Ciencias de la Educación, da Universidad de la República (Montevideo, Uruguay) pelos comentários e sugestões. Os comentários dos pareceristas foram valiosos para que pudéssemos esclarecer alguns pontos na análise. Obviamente, problemas remanescentes no artigo são de nossa responsabilidade.

1 INTRODUÇÃO

No português brasileiro (PB), é possível encontrar uma grande quantidade do que chamaremos aqui de “modificadores graduais coloquiais” (MGCs); trata-se de expressões muito comuns na fala (que também vêm ganhando espaço na escrita), encontradas em todo o território brasileiro, e que são formadas por uma preposição (em geral *para*, na forma *pra*, e *a*) e um item expressivo, que pode ser um palavrão (i.e., um termo considerado ofensivo) ou um termo tabu (*caralho*, *porra*), ou ainda termos que denotam grandes quantidades ou coisas supérfluas (*chuchu*, *dedéu*).¹

Os modificadores graduais coloquiais podem ser organizados em duas séries, que se diferenciam por conta da preposição que encabeça a construção, e assim chegamos às séries ‘pra EXPR’ e ‘a EXPR’, em que ‘EXPR’ se refere a um termo expressivo. Abaixo, apresentamos alguns exemplos dessas construções:

- série ‘pra EXPR’: *pra burro*, *pra cacete*, *pra caralho*, *pra porra*, *paca(s)* etc.;
- série ‘a EXPR’: *à beça*, *a rodo*, *às pampas*, *a dar com pau* etc.

Neste artigo, apresentaremos uma descrição e análise para a série ‘pra EXPR’, com foco em *pra caralho*, mas nossa análise pode facilmente ser aplicável também aos itens presentes nas outras séries. Nomeadamente, estamos interessados em casos como:

- (1) João é legal pra caralho.
- (2) O Pedro dormiu pra caralho.

Para lidar com os aspectos da semântica dessas expressões, este artigo está organizado da seguinte maneira: primeiramente, na seção 2, “Anatomia da expressão”, apresentaremos uma descrição da distribuição sintática e das interpretações de *pra caralho*; em particular, analisaremos o contraste entre *muito* e *pra caralho*, e o escopo dessa expressão. Feito isto, argumentaremos, na seção 3, “Bidimensionalidade de *pra caralho*”, que *pra caralho* é um expressivo misto, que contribui tanto na dimensão veri- quanto na uso-condicional de significado. Na quarta seção, “Uma semântica para *pra caralho*”, proporemos uma semântica unificada para a expressão *pra caralho*. Na seção de considerações finais, apresentamos o caminho percorrido e alguns dos problemas em aberto.

¹ Mais detalhes sobre as expressões complemento de *pra* na locução ver Souza (2017).

2 ANATOMIA DA EXPRESSÃO

A expressão *pra caralho* é composta pela preposição de alvo *para*, em geral na forma *pra*, e pelo item expressivo *caralho*, que é um item bastante ofensivo, usado em diversas expressões abusivas e como interjeição, em exemplos como os abaixo²:

(3) Vai pro caralho!

(4) Caralho! Que troço chato!

A expressão *pra caralho* é amplamente usada no português brasileiro, e ela pode modificar diferentes estruturas sintático-semânticas, além de aparecer em várias estruturas sintáticas (cf. SOUZA, 2017, 2019). A seguir, exploraremos um pouco da distribuição sintática e contribuição semântica dessa expressão.

2.1 DISTRIBUIÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE *PRA CARALHO*

Interessantemente, a expressão *pra caralho* pode operar sobre diferentes tipos de estruturas linguísticas, com interpretações distintas. É o que vemos nos exemplos a seguir, em que marcamos tanto a estrutura modificada quanto a interpretação relevante. Embora em muitos trabalhos se assuma que a expressão é similar a *muito*, mostramos que esse não é o caso (cf. 2.3).³

(i) como modificador de NP, com interpretação de quantidade:

(5) Tinha gente pra caralho na festa.

(6) Eu li gibi pra caralho na infância.

Nos exemplos (5-6), *gente pra caralho* denota “uma grande quantidade de gente”, assim como *gibi pra caralho*, “uma grande quantidade de gibi”. Em ambos os casos, devemos entender que a quantidade referida é relevantemente superior a um padrão contextual de pessoas na festa em (5) e de gibis lidos na infância em (6).

(ii) como modificador de AdjP, com interpretação de intensidade:

(7) João é um cara legal pra caralho.

(8) A Maria é inteligente pra caralho.

O que chamamos aqui de intensidade é a graduação para mais, ou o efeito de alçamento do padrão contextual de comparação. Assumiremos que o padrão de *legal pra caralho* é mais alto do que o padrão de *muito legal* que, por sua vez é mais alto do que a forma não marcada, também chamada de “positiva”, *legal* (cf. KENNEDY; MCNALLY, 2005; entre outros).

2 A etimologia de *caralho* é controversa e esse item tem contrapartes em várias línguas românicas; muito simplificada, ele remete ao órgão sexual masculino em uma acepção referencial.

3 É essa a impressão que temos do apontamento de Borba (2003, p. 69): “No registro coloquial, a intensificação que comumente se expressa pelos advérbios *muito*, *bastante* se faz por construções como *pra burro / chuchu / caramba / caralho*”.

(iii) como diferencial, com interpretação de intensidade:

(9) João é mais alto pra caralho do que Carlos.⁴

(10) João é mais alto do que Carlos pra caralho.

O papel semântico de expressões diferenciais é modificar o intervalo entre as alturas dos indivíduos comparados. Note que numa comparação canônica, como *João é mais alto do que Carlos*, a diferença entre as alturas dos indivíduos é vaga. O diferencial modifica justamente esse intervalo de diferença, ou seja, o quão mais alto um indivíduo é em relação ao outro. Assim, *pra caralho* gradua sobre essa diferença entre as alturas de João e Carlos.

(iv) como modificador de VP, com as interpretações duração, qualidade, repetição, intensidade:

(11) João estudou pra caralho nas férias. [duração]

(12) Gabriel jogou pra caralho ontem. [qualidade]

(13) João trocou o pneu da bicicleta pra caralho (no dia de ontem). [repetição]

(15) João conhece vinho pra caralho. [intensidade]

Como já se fez com o *muito* (GUIMARÃES, 2007; QUADROS-GOMES, 2018; PIRES DE OLIVEIRA; SOUZA, 2018), certamente valeria a pena olhar com mais cuidado para as interpretações do modificador *pra caralho* em combinação com verbos. Numa análise rápida, percebemos que as conclusões gerais não diferem dos estudos citados. Com predicados de atividade, as leituras são de longa duração ou de grande quantidade de eventos, como temos para (11): *estudou pra caralho* tanto pode designar um longo período de estudo, ou vários eventos de estudo, não necessariamente muito longos.

Para o caso de (12), uma possível paráfrase seria *Gabriel jogou bem pra caralho ontem*; é por conta disso, entre outros motivos, que Pires de Oliveira e Souza (2018) sugerem que a interpretação de qualidade provenha de um advérbio de modo encoberto. Em (13), a interpretação de repetição se deve à acionalidade do predicado — como *trocar o pneu* é um predicado télico, apenas essa interpretação estaria disponível, considerando um trecho temporal como *o dia de ontem*. Com predicados de estado psicológicos como *conhecer*, em (15), a interpretação é de intensidade. Essa interpretação também nos parece ser devida à natureza denotativa dos estados (sem duração temporal, não denotam eventos quantificáveis etc.).

(v) como modificador de AdvP, com interpretação de intensidade:

(16) João corre rápido pra caralho.

(17) Feijão cozinha devagar pra caralho.

A interpretação de intensidade com esses advérbios de modo, como *rápido* em (16) e *devagar* em (17) advém da natureza adjetival desses modificadores, que são graduais no mesmo sentido que os adjetivos.

⁴ Nem todos os falantes julgam essa sentença plenamente gramatical.

(vi) como modificador de pronome e nome próprio, com interpretação de característica:

(18) Essa roupa é eu pra caralho.

(19) O João chegou atrasado de novo. Fazer isso é o João pra caralho.

Provisoriamente, vamos assumir que uma paráfrase aproximada para (18) seja algo como *essa roupa tem muitas características similares a mim (e por isso eu gosto dela)*; e no caso de (19) *fazer isso tem muitas características de algo que o João faria*. Esses casos, a nosso ver, merecem uma discussão mais detalhada, que fizemos em outro texto (cf. SOUZA; BASSO, 2021).

Sanchez-Mendes (2021) discute casos similares de modificação com *muito*, como *foi muito golpe*⁵. Nesse caso, *muito* significa algo como “realmente” ou “de fato”, no plano expressivo, e no plano descritivo assume que seja um elemento de precisificação (cf. MORZICKI, 2011), isto é, um modificador que tenta reduzir a vagueza do termo modificado. Optamos por uma análise em termos de coerção (SOUZA; BASSO, 2021).

Como podemos ver, as estruturas que *pra caralho* modifica são NP, AdjP, AdvP, VP e pronomes, além de aparecer em estruturas diferenciais. As interpretações são de intensidade, quantidade e duração para NPs, AdjPs, AdvPs e na estrutura diferencial; quando combinado com VPs, *pra caralho*, além dessas, tem ainda interpretação de repetição e qualidade, e quando combinado com pronomes tem uma interpretação que chamamos de “característica”, que se dá, como mencionamos, via coerção.

Para todas essas interpretações, por mais diferentes que possam parecer, podemos encontrar algo em comum, que é haver um grau de alguma propriedade que excede um padrão alçado relevante no contexto. Isso vale tanto para a interpretação de quantidade, de duração e intensidade — em todos esses casos “há mais” do que o esperado. A interpretação de qualidade tem a ver com, por exemplo, a perícia com que alguém desempenha uma certa atividade num dado contexto, como jogar bola melhor do que o esperado, e assim também se encaixa nesse padrão. Por fim, a interpretação “característica” pode ser entendida como algo tendo mais características ou propriedades que representam alguém (por gosto ou outro critério) do que se espera num dado contexto.

Ainda de modo informal, podemos dizer que *pra caralho*, em suas diversas interpretações é um intensificador, um modificar de grau, que indica que há um grau numa escala relevante que é mais alto que o padrão alçado no contexto para aquela escala. É certo ainda que *pra caralho* faz mais do que isso por veicular também uma disposição emocional do falante que emprega tal expressão — sua contribuição uso-condicional.

⁵ Ver tb. Sanchez-Mendes e Polakof (2022).

Na seção 4, voltaremos a esses pontos, argumentando que *pra caralho* é uma expressão mista; na sequência, analisaremos o escopo de *pra caralho*, como diferentes interpretações podem ser encontradas com escopos distintos.

2.2 ESCOPO DE *PRA CARALHO*

Como os exemplos abaixo demonstram, *pra caralho* pode ter diferentes escopos, a depender de sua posição sintática, o que culmina também em diferentes interpretações, caso essa estrutura incida sobre um NP ou um VP, por exemplo:

- (20) João leu um livro legal *pra caralho* nas férias.
→ João terminou de ler um livro e o falante (e talvez João também) acha que o livro é muito bom.
- (21) João leu *pra caralho* um livro legal nas férias.
→ a) João passou muito tempo lendo um livro que o falante (e talvez João também) acha bom; não é certo que João terminou de ler o livro.
→ b) João leu muitas vezes um livro que o falante (e talvez João também) acha bom.

Em (20), *pra caralho* atua sobre o adjetivo *legal*, e a interpretação, como indicado na paráfrase oferecida, é de que o livro tem um grau na escala de *legal* maior do que um (alto) grau padrão dessa escala no contexto de proferimento. Por outro lado, essa mesma expressão em (21) incide sobre o VP *ler um livro legal*, e pode resultar em duas interpretações, (i) uma de duração (o tempo que João passou lendo o livro legal) e (ii) uma de repetição (a quantidade de vezes que João leu o livro nas férias). As diferentes possibilidades de escopo e interpretação são um traço importante da expressão *pra caralho*, que deve figurar em sua análise.

Em todas as paráfrases que oferecemos, fica clara a semelhança entre *pra caralho* e *muito*, e tal semelhança motiva uma comparação mais sistemática entre essas duas expressões, que é justamente o tópico da próxima seção.

2.3 *PRA CARALHO* E *MUITO*

Para além de uma semelhança em sua contribuição semântica, é importante compararmos também o comportamento sintático de *muito* em relação a *pra caralho*. O advérbio *muito* aparece antes do item que modifica e *pra caralho* aparece depois — com exceção de modificação de VP em (24):

- (22) gente **pra caralho** / **muita** gente
(23) um filme legal **pra caralho** / um filme **muito** legal
(24) dormiu **pra caralho** / dormiu **muito**
(25) rápido **pra caralho** / **muito** rápido
(26) eu **pra caralho** / **muito** eu

Com relação à interpretação, apesar de ambos serem intensificadores, *pra caralho* envolve graus mais altos que os graus que *muito* envolve, e isso pode ser demonstrado com os exemplos abaixo, mobilizando uma instância de modificação de quantidade (27) e uma de modificação adjetival (28-29). Em (27a) vemos que podemos afirmar que foram muitos livros e negar que não foi livro pra caralho, um comportamento inesperado se as expressões fossem sinônimas. (27b) nos mostra que *pra caralho* inclui *muito*. Algo similar ocorre na modificação de predicados graduais, como vemos em (28) e (29). Em (28a) negamos *pra caralho* e afirmamos *muito*, sem termos contradição. (28b) é paralelo com (27b): não é possível a propriedade ser *pra caralho* sem ser *muito* também. Em (29) invertemos os elementos nas duas versões.

(27a) João leu muitos livros nas férias, mas não leu livro pra caralho.

(27b) ?? João leu livro pra caralho nas férias, mas não leu muitos livros.

(28a) Esse filme não é legal pra caralho, é só muito legal.

(28b) ?? Esse filme não é muito legal, é só legal pra caralho.

(29a) Esse filme é muito legal, mas não chega a ser legal pra caralho.

(29b) ?? Esse filme é legal pra caralho, mas não chega a ser muito legal.

Considerando que os graus mobilizados por *pra caralho* são mais altos que os graus mobilizados por *muito* ($d_{\text{pra_caralho}} > d_{\text{muito}}$), temos uma explicação para os padrões em (27)-(29): podemos afirmar o grau menor e negar o grau maior (27a, 28a, 29a), mas não se pode afirmar o maior e negar o menor (27b, 28b, 29b), ou seja, se é o caso o grau maior, então tem que ser o caso o grau menor. Sendo assim, em nossa análise de *pra caralho*, os graus que essa expressão mobiliza têm que ser maiores que os graus padrão do contexto e maiores que os graus envolvidos na interpretação de *muito*.

Na sequência, apresentamos um resumo do que vimos até aqui. O quadro abaixo traz as estruturas com as quais *pra caralho* pode se combinar, que também são possibilidades para *muito*, bem como sua interpretação resultante:

QUADRO 1 — DISTRIBUIÇÃO E INTERPRETAÇÃO

distribuição	<i>muito</i>	<i>pra caralho</i>	Interpretação
verbos eventivos	ok	ok	duração/qualidade/repetição
verbos estativos	ok	ok	intensidade/duração
adjetivos	ok	ok	intensidade
nomes	ok	ok	quantidade
advérbios	ok	ok	intensidade
pronomes	ok	ok	“característica”
diferencial	ok	ok	diferencial

Fonte: elaborado pelos autores.

Na sequência, analisaremos o componente expressivo de *pra caralho*, argumentando que se trata de um item misto, cuja contribuição semântica é, ao mesmo tempo, veri- e uso-condicional.

3 BIDIMENSIONALIDADE DE PRA CARALHO

Os exemplos em (27) a (29), bem como o contraste entre sentenças com e sem a expressão *pra caralho* em (30), evidenciam seu componente veri-condicional, afinal, a presença da expressão altera as condições de verdade da sentença, identificando diferentes graus com relação aos quais a sentença será avaliada; é por isso que podemos imaginar, por exemplo, cenários em que (30a) é verdadeira e (30b), falsa.

(30a) João dormiu.

(30b) João dormiu pra caralho.

Para ser um item misto, devemos encontrar também uma contribuição na dimensão uso-condicional. Com efeito, a bidimensionalidade de *pra caralho* pode ser encontrada no fato de essa expressão envolver um termo tabu, *caralho* — outras opções seriam *cacete*, *porra*, *cachorro*, *burro*, *danar*, *chuchu*. Embora *chuchu* em si não seja um termo ofensivo, acreditamos que tem valores conotativos de carinho e afeto, cf. *meu chuchuzinho*; e que o valor depreciativo possa advir do fato de o *chuchu* ser uma planta cujo crescimento associamos a grandes quantidades e a coisas baratas, sem valor.

Ao usares este tipo de expressão, o falante veicula seu estado emocional alterado, justamente por usar um termo tabu — é a escolha ou uso de um termo tabu que revela que o estado emocional do falante é importante como conteúdo uso-condicional. Sendo um item misto, *pra caralho* expressa então que x tem um alto (ou máximo) grau de uma dada propriedade e também o envolvimento emocional do falante com esse fato — o falante está emocionalmente envolvido (surpreso, incrédulo, admirado etc.) com o fato de x ter um grau elevado da propriedade. Podemos também lançar mão de testes, como aqueles propostos por Potts (2005) e Gutzmann (2014), para capturar o componente uso-dimENSIONAL de *pra caralho*. É importante, contudo, ressaltar que os testes mais comuns para capturar expressivos simples (i.e., que contribuem apenas na dimensão uso-condicional) nem sempre capturam o funcionamento de expressivos mistos. Seja como for, os testes abaixo ajudam a identificar a dimensão uso-condicional de *pra caralho*:

(31) A: Maria: O João é [legal pra caralho]_M

B: Pedro: Não, que nada! O João [não é legal pra caralho]_p

Note que, na perspectiva de Pedro, em (31B), nega-se que João seja legal num nível alto, mas o envolvimento emocional do falante (Maria) não é alvo da negação; ou seja, mesmo negando o grau em que João é legal, Pedro ainda está emocionalmente envolvido. O fato de a negação, que é uma operação que ocorre na dimensão veri-condicional, não afetar

o envolvimento emocional mostra que há, de fato, um componente emocional uso-condicional em *pra caralho*.

Considere agora o exemplo abaixo:

(32) Pedro: A Maria falou que o João é [legal pra caralho]_{Pedro/Maria}

→ o envolvimento emocional pode ser do falante e não necessariamente da Maria.

Para (32), é importante notar que o envolvimento pode ser tanto o de Pedro quanto o de Maria; devido (i) ao fato de esse envolvimento poder ser ligado ao Pedro, e (ii) que expressões uso-condicionais podem “escapar” do discurso reportado e se ligar ao falante que reporta o discurso, podemos concluir (iii) que o envolvimento emocional é um componente uso-condicional em *pra caralho*.

Sendo assim, consideramos aqui que *pra caralho* e suas variações são expressões mistas, que contribuem na dimensão veri-condicional e na dimensão uso-condicional. Nossa análise dessa expressão, que será elaborada na próxima seção, segue de perto a proposta de Gutzmann (2019, p. 136) para “intensificadores expressivos” (IE) do alemão. Segundo o autor, esses intensificadores têm uma parte veri-condicional (**int**, de “intensificador”) e uma uso-condicional (**emo**, de “emocional”); o operador “•” indica a separação entre as dimensões de significado, conforme vemos definido na entrada lexical em (33).

(33) **int**(há um grau d de G que alcança o grau standard de uma classe de comparação e que x apresenta) • **emo**(o falante está emocionalmente envolvido com o fato de x apresentar o grau d de G)

Mais detalhadamente, para o intensificador expressivo *sau* do alemão, o autor apresenta a seguinte análise formal (35), para dar conta de usos como exemplificados em (34).

(34) a. ein sau cool Party
uma IE legal festa

(GUTZMANN; TURGAY, 2015, p. 218)

b. sau die cool Party
IE a legal festa

(35) $[[sau]] = \lambda G. \lambda x. \mathbf{int}(G)(x) : \langle \langle d, \langle e, t \rangle \rangle, \langle e, t \rangle \rangle \bullet \lambda G. \lambda x. \mathbf{emo}(G)(x) : \langle d, \langle e, t \rangle \rangle, \langle e, u \rangle \rangle^6$

6 <u> indica o tipo de conteúdo uso-condicional. Assim, uma expressão como *sau* em (35) combina-se com um tipo gradual (<d,<e,t>>) para contribuir na dimensão veri-funcional como um intensificador, e com um indivíduo (<e>), para resultar num conteúdo uso-condicional (<u>). É o que vemos também no exemplo (36) e em nossa definição de *pra caralho* em (40).

Essa análise da intensificação não difere em essência de análises tradicionais, como as de von Stechow (1984) ou Kennedy e McNally (2005). Nessas abordagens, se assume que predicados graduais, como os adjetivos de grau, são relações entre graus e indivíduos, predicados de tipo $\langle d, et \rangle$ (isto é, uma função de um grau, a um indivíduo, a um valor de verdade). A função semântica dos intensificadores, portanto, é relacionar o grau que o indivíduo exibe com um grau advindo do contexto discursivo. Esse grau discursivo tem grande relação com o ordenamento das entidades dada pelo predicado na situação, chamado mais formalmente de “classe de comparação”. Como predicados graduais são predicados que denotam domínios organizados em função do grau que os indivíduos exibem da propriedade (isto é, os indivíduos estão organizados em função da sua posição na escala com a qual o adjetivo se relaciona), essas classes de comparação são a organização particular dos indivíduos no contexto.

Abaixo vemos a derivação da sentença *Die Party is sau cool*, que no plano descritivo expressa que “a festa é muito legal” e no plano expressivo que “o falante está envolvido emocionalmente pela festa ser legal”⁷.

- (36) a. Die Party is au cool.
 "A festa é expressivo legal"
- b. **int(cool)(ix.party(x)) : t • emo(cool)(ix.party(x)) : u**
- $$\begin{array}{c} \text{ix.party}(x) : e \quad \text{int(cool)} : \langle e, t \rangle \blacklozenge \text{emo(cool)} : \langle e, u \rangle \\ \text{int} : \langle \langle d, \langle e, t \rangle, \langle e, t \rangle \rangle \blacklozenge \text{emo} : \langle \langle d, \langle e, t \rangle, \langle e, u \rangle \rangle \text{cool} : \langle d, \langle e, t \rangle \rangle \\ \text{sau} \qquad \qquad \qquad \text{cool} \end{array}$$

Como podemos ver com esse exemplo, *sau* se combina com o adjetivo *cool*, contribuindo nas dimensões veri- e uso-condicional, para então haver a combinação final com *die Party*. A primeira aplicação envolve o conteúdo misto de *sau* que é saturado apenas com a combinação com *die Party*, e a interpretação final é de que a festa é mais legal do que as festas em geral (i.e., mais legal que o padrão considerado) e que o falante está emocionalmente envolvido com o grau de quanto a festa é legal. A sentença em alemão, sendo assim, poderia ser, em princípio, traduzida por *A festa é legal pra caralho*. Como explicado na nota 7, o símbolo “ \blacklozenge ” identifica conteúdos mistos, e o símbolo “ \bullet ” separa as duas dimensões, à esquerda temos a proposição veri-condicional e à direita o conteúdo uso-condicional.

⁷ Esse exemplo e a derivação são de Gutzmann (2019, p. 136). Em contraste com o símbolo “ \bullet ”, que separa os conteúdos expressivos, o símbolo “ \blacklozenge ” é um separador de conteúdos mistos. No que segue, usaremos apenas “ \bullet ” por razões de simplicidade.

Na sequência, com base em tudo o que vimos e na análise proposta por Gutzmann (2019), apresentaremos nossa análise para *pra caralho* em suas diversas interpretações.

4 UMA SEMÂNTICA PARA *PRA CARALHO*

Como adiantamos, é preciso que a análise de *pra caralho* considere sua contribuição veri-condicional, como um intensificador, ao lado e simultaneamente à sua contribuição uso-condicional, que veicula o envolvimento emocional do falante.

Para lidar com o componente veri-condicional, partiremos da proposta de Solt (2014)⁸ para expressões que a autora chama de “Q-adjectives”; trata-se de itens como *much/many* e *few/little*; e para como lidar com o componente uso-condicional, como dissemos, nos apoiaremos em Gutzmann (2019). Essas duas análises precisam ser adaptadas para que possam se aplicar ao nosso caso, dado que *sau* é um modificador de adjetivos no alemão, e as expressões do inglês analisadas por Solt não se aplicam a adjetivos nem veiculam conteúdos uso-condicionais.

Solt (2014) supõe uma semântica bem simples para *much/many*. Como vemos na entrada lexical abaixo, a expressão é um predicado de intervalo de graus. Ela funciona em combinação com outros dois elementos, a função POS, e a função MEAS, também definidas abaixo. Em MEAS, temos uma função, μ , que faz o mapeamento, dada a escala relevante do domínio, S , para um grau. A particularidade de POS é que essa função opera sobre a região $N(eutra)$ da escala (a lacuna extensional). Por exemplo, para uma sentença como *João é alto*, essa função tomaria aquela região na escala em que estão os indivíduos que não são altos nem baixos, e nos daria a proposição que vemos em (38).

$$(37a) \llbracket many/much \rrbracket = \lambda d_{\langle d \rangle}. \lambda l_{\langle dt \rangle}. l(d)$$

$$(37b) \llbracket meas \rrbracket = \lambda x_{\langle e \rangle}. \lambda d_{\langle dt \rangle}. \mu_s(x) \geq d$$

$$(37c) \llbracket POS \rrbracket = \lambda l_{\langle dt \rangle}. \forall d \in N_s [l(d)]$$

(38a) João é alto.

$$(38b) \forall d \in N_{ALTURA} [ALTO(joão) \geq d]$$

Em prosa: “Para todos os graus da região neutra da escala de altura, a altura de João é pelo menos esse grau”.

8 A análise de Rett (2015, 2018) não difere significativamente de Solt (2014): ambas decompõem o significado das expressões e as entradas lexicais e derivações são muito parecidas, pois se valem de uma abordagem que assume graus de tipo d na ontologia. Neste texto, vamos seguir mais de perto a abordagem de Solt (2014) por ela nos trazer ferramentas para apresentar mais explicitamente a derivação semântica dos nossos casos exemplares.

Essa análise pode, agora, ser aplicada para vários usos de *much/many*, entre eles, o que vemos em (39b), que expressa, *grosso modo*, que o número de estudantes que assistiu a palestra foi maior do que algum grau contextual:

(39a) Many students attended the lecture.

(39b) $\forall d \in N_{\#} [\exists x[*\text{student}(x) \ \& \ \mu\#(x) \geq d \ \& \ \text{attended}(x, \text{lecture})]]$

Partindo desses pressupostos, vamos assumir a seguinte entrada lexical em (40) para *pra caralho*. Ela combina os aspectos positivos de Solt (2014), a contribuição do modificador, e os de Gutzmann e Turgay (2015), a atitude expressiva. Além disso, combinamos as entradas lexicais de *many/much* e POS nesse item.

(40) $[[\textit{pra caralho}]] = \lambda l_{\langle d,t \rangle} . \exists d[l(d) \wedge d \geq \text{standard}]: \langle \langle d,t \rangle, t \rangle .$
 $\lambda l_{\langle d,t \rangle} . \exists d[\mathbf{emo}(l(d) \wedge d \geq \text{standard})]: \langle \langle d,t \rangle, u \rangle$

No que segue, faremos uma apresentação mais pormenorizada de como aplicar nossa análise de *pra caralho* para os diferentes tipos de expressões que vimos no quadro 1, e o caminho que resulta nas interpretações relevantes. Tomemos os exemplos abaixo como guia.

(41a) João comeu docinho pra caralho.

(41b) João comeu o docinho pra caralho.

(41c) João estudou pra caralho nas férias.

(41d) João conhece vinho pra caralho.

(41e) Esse filme é legal pra caralho.

(41f) João é mais alto pra caralho que Pedro.

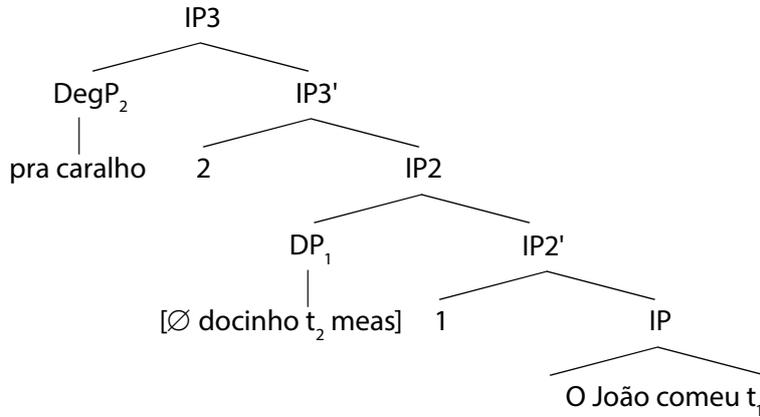
(41g) Essa roupa é eu/o João pra caralho.

4.1 A MODIFICAÇÃO ADNOMINAL

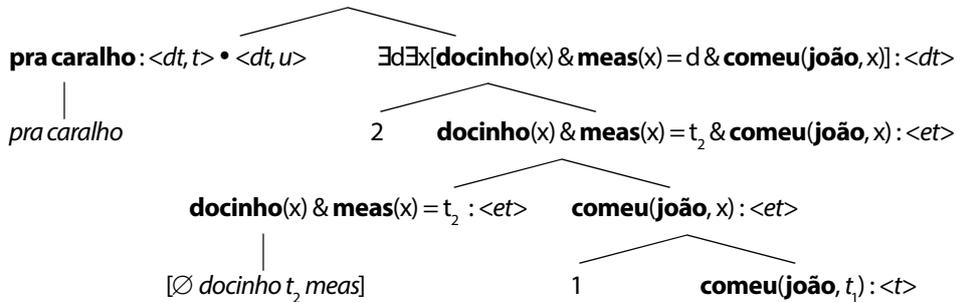
Vamos assumir que a forma lógica de (41a) é (42). Há dois movimentos importantes aqui. O primeiro é o alçamento do sintagma [*docinho MEAS pra caralho*], e posteriormente o alçamento de *pra caralho*. A derivação completa com o componente expressivo vemos em (42b). Aqui temos dois alçamentos importantes, motivados por incompatibilidade de tipos e interpretabilidade. Primeiro o DP1 é alçado acima de IP. E, depois, *pra caralho* se move também, pois não pode ser interpretado *in situ*, já que requer um conjunto de graus como argumento.⁹ O movimento do DP deixa um traço de tipo *e*, e o movimento do DegP, um traço de tipo *d*.

⁹ Seguimos aqui as motivações expostas por Solt (2014, p. 237).

(42) a.



b. $\exists d \exists x [\text{docinho}(x) \ \& \ \text{meas}(x) = d \ \& \ \text{comeu}(\text{joão}, x) \ \& \ d \geq \text{standard}] \bullet$
 $\text{emo}(\exists d \exists x [[\text{docinho}(x) \ \& \ \text{meas}(x) = d \ \& \ \text{comeu}(\text{joão}, x) \ \& \ d \geq \text{standard}]]): t \bullet u$



No caso do exemplo (41b), a leitura que nos interessa é aquela em que a modificação de *pra caralho* incide sobre o sintagma definido *o docinho* e não a leitura de cardinalidade de eventos de *comer o docinho*. Assumindo que a modificação gradual tenha como restrição a monotonicidade do predicado modificado, isto é, o predicado precisa ter algum tipo de estrutura interna não singular (cf. NAKANISHI, 2007), *o docinho* precisa denotar um predicado de espécie, um *kind*, e não uma entidade atômica. Intuitivamente, é essa a leitura que queremos capturar. Dar conta formalmente dessa leitura não nos parece problemático, assumindo que a função MEAS atue sobre *o docinho* e nos dê a medida desse domínio.

4.2 A MODIFICAÇÃO VERBAL

Nos casos de modificação verbal típicos, vimos que há dois grupos de exemplos, os predicados de eventos, que apresentam leitura de duração e de quantidades de eventos (41c) e os estativos, com leitura de intensidade, (41d).

As leituras relevantes do exemplo (41c) podem ser parafraseadas como abaixo.

(41d) João estudou pra caralho nas férias.

a) João estou tempo pra caralho nas férias.

b) João estou vezes pra caralho nas férias.

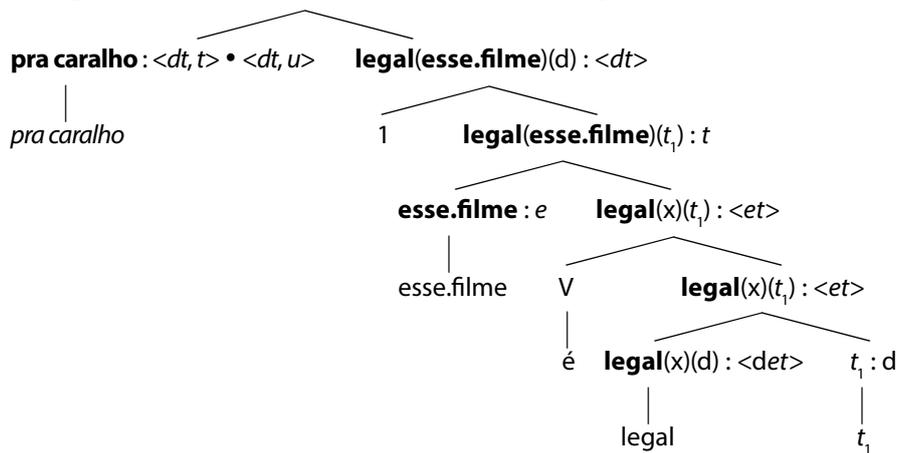
O mecanismo de medição que assumimos na análise do caso (a) não é muito diferente de funções de medida propostas pela literatura (KRIFKA, 1989; NAKANISHI, 2004; entre

4.3 A MODIFICAÇÃO ADJETIVAL E DIFERENCIAL

A história começa a ficar interessante quando tentamos aplicar essa análise para o uso diferencial e para a modificação adjetival. Há um traço importante na análise acima: dividimos o conteúdo de *pra caralho* em dois componentes: *pra caralho per se*, que é uma relação entre o grau medido e um grau padrão dado pelo contexto, e o MEAS, que mede a denotação do conjunto de eventos ou indivíduos. Para a modificação adjetival não precisamos de *meas*, pois o adjetivo já traz embutido no seu significado um grau; *pra caralho* faz a relação entre o grau que o argumento de indivíduo exhibe do predicado e o grau contra o qual é comparado, seu significado usual. Vejamos um exemplo para ilustrar a análise, retomando o exemplo que trouxemos acima.

(46) Esse filme é legal pra caralho.

(47) $\exists d[\text{legal}(\text{esse.filme})(d) \ \& \ d \geq \text{standard}] \bullet \text{emo}(\exists d[\text{legal}(\text{esse.filme})(d) \ d \geq \text{standard}]) : t \bullet u$



Essa análise pode se aplicar sem problemas para advérbios de modo, como em *João fala rápido pacas*, assumindo que esses advérbios também são predicados de graus, mas tomam como argumentos predicados de eventos.

No final das contas não escapamos de uma análise dupla. Na modificação nominal temos a combinação de MEAS e *pra caralho*; enquanto na modificação adjetival e adverbial apenas *pra caralho* é suficiente para nos dar o significado de que precisamos. Um argumento a favor da diferença: no caso da modificação adjetival, o DegP é uma projeção funcional do adjetivo, enquanto no caso dos verbos e nomes é um adjunto, o que justificaria uma sintaxe diferente.

Vejamos o último caso, o uso diferencial. Partamos do exemplo típico, retomado abaixo como (48) para refletirmos sobre o significado da expressão aqui. Como vimos, diferenciais medem a diferença entre os graus numa construção comparativa. Assim, *pacas* opera sobre o intervalo que constitui as diferenças entre as alturas de João e Pedro.



(48) João é mais alto pra caralho que Pedro.

Para analisar esse caso, precisamos considerar como esse tipo de modificação é tradicionalmente analisada na literatura. Vejamos um caso como (49). Podemos supor que '5cm' meça a diferença entre as alturas de João e Pedro e seja um predicado desse intervalo. Esse significado pode ser capturado assumindo que a altura de João é maior do que a altura de Pedro acrescida de 5cm. Essa análise é capturada na entrada lexical de *mais* reformulada como (50).

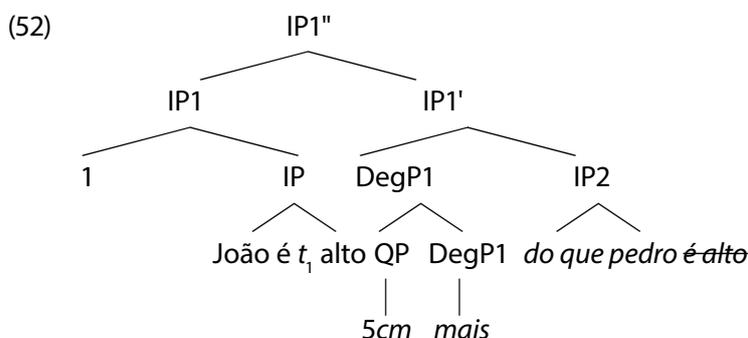
(49) João é 5cm mais alto que Pedro.

Altura(joão) > altura(Pedro) + 5cm

(50) $\llbracket \text{mais}_{\text{dif}} \rrbracket = \lambda d'. \lambda d. \lambda l. l(d) > d + d' : \langle d, d, dt, t \rangle$ (adap. de BECK, 2011, p. 1345)

A forma lógica que utilizaremos tem uma peculiaridade. Ela envolve um movimento chamado extraposição, que contemporaneamente tem sido chamado também de "merge tardio", em termos minimalistas (BHATT; PANCHEVA, 2004). Basicamente, depois de *mais* (propriamente, o DegP₁, gerado como projeção funcional de AP) sofrer extraposição e se adjungir à direita é que temos o merge da oração comparativa *do que x* na estrutura, o IP2.

(51) $\llbracket \text{5cm mais do que o Pedro é alto} \rrbracket = \lambda d'. \lambda d''. \lambda l. \max[l(d)] > d'' + d'(\mathbf{5cm})(\mathbf{alto(pedro)}(d))$
 $= \lambda l. \max d[l(d)] > \max d'[\mathbf{alto(pedro)}(d')] + \mathbf{5cm} = \langle dt, t \rangle$



Vejamos como essa análise pode ser aplicada ao caso de *pra caralho* como diferencial, assumindo, portanto, que o diferencial é esse grau que está relacionado com o padrão alçado, o que corresponde às condições de verdade parafraseadas abaixo de (53). A proposição gerada está em (54), com o componente uso-condicional.

(53) João é mais alto pra caralho que Pedro.

CV: $\text{Altura(joão)} > \text{altura(Pedro)} + d$ e $d > \text{standard}$

(54) $\exists d[\mathbf{\max d'' [\mathbf{alto(joão)}(d'')] > \mathbf{\max d'[\mathbf{alto(pedro)}(d')] + d} \ \& \ \geq \text{standard}}] \bullet$
 $\mathbf{emo [\max d''[\mathbf{alto(joão)}(d'')] > \max d'[\mathbf{alto(pedro)}(d')] + d}$

4.4 A MODIFICAÇÃO PRONOMINAL E COM NOMES PRÓPRIOS

Argumentaremos que casos como os de (41g), que resultam na interpretação chamada aqui de “característica”, apresentam uma incompatibilidade de tipos, resolvida via coerção — uma manobra usual na semântica formal, que tem uma série de motivações.

A coerção que encontramos aqui é motivada pela incompatibilidade entre os intensificadores e predicados não escalares, resultando numa interpretação que considera as características mais comuns ou salientes dos referentes dos pronomes ou nomes próprios, nos nossos exemplos. Por sua vez, essas propriedades podem ser alvo de intensificadores como o *pra caralho* ou *muito*. No caso de uma sentença como *Essa roupa é muito o João*, a coerção resulta no conjunto de características que associamos a João (o referente de *o João*), e predicamos sobre alguma entidade (a roupa relevante, no caso) que ela apresenta mais características em comum com aquele indivíduo do que é normalmente esperado. Essa é, em linha gerais, a proposta de interpretação que oferecemos para uma das versões de (41g), e o mesmo pode ser dito, com alguns ajustes, para sua versão com *eu*. De modo semi-formalizado, a parte veri-condicional dessa interpretação pode ser representada como abaixo:

→ Modificador + pronome pessoal/nome próprio:

muito eu, muito o João =>

eu/joão : e =>

$\mu(\text{caract}(\text{falante}/\text{joão}(x)) \text{ em } w) = d \ \& \ d \geq ds :$

“muitas características do falante/de João”

Em resumo, a coerção é um processo disparado sempre que temos a combinação de dois elementos que produzem incompatibilidade de tipos. Como se trata de um processo de aplicação, em princípio, relativamente livre, as restrições à sua aplicação podem ser aquelas sugeridas por Pustejovski (1995 apud De SWART, 2011), que seriam, em essência, de natureza lexical e contextual, com resultados previsíveis¹⁰.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, lidamos com a expressão *pra caralho* e suas diversas interpretações ao combinar-se com estruturas como nomes, adjetivos, verbos, nomes próprios, pronomes e estruturas diferenciais. Mostramos que se trata de um modificar de grau misto, que contribui simultaneamente nas dimensões veri e uso-condicional. Ao contrastar *pra caralho* com *muito* notamos que os graus que *pra caralho* mobilizada na dimensão veri-condicional são mais altos que aqueles envolvidos nos usos de muito.

10 É interessante notar que a interpretação de *pra caralho* com nomes também pode ser analisada por meio de coerção, dado que temos uma incompatibilidade de tipos resolvidas, por exemplo, com uma atribuição de cardinalidade ao referente de um dado nome. Essa saída é explorada em Souza e Basso (2021).

Depois de identificar as diferentes interpretações de *pra caralho*, propomos uma interpretação unificada com base em Gutzmann (2019) e Gutzmann e Turgay (2015), para a dimensão uso-condicional, e Solt (2014), para a dimensão veri-condicional. Argumentamos ainda que, para o caso da combinação com nomes próprios e pronomes, temos um exemplo de coerção. A proposta de uma única estrutura semântica para diferentes combinações e interpretações é sempre um resultado bem-vindo e vemos nisso a principal contribuição deste trabalho.

Como questões em aberto, acreditamos que ainda é importante explorar mais a fundo as interpretações resultantes da combinação com sintagmas verbais e aquelas com nomes e pronomes, e assim esperamos que o presente auxilie nas discussões futuras sobre esses tópicos.

REFERÊNCIAS

BASSO, R. M. Use-conditional expressions and nonlocal interpretation: A case study of a Brazilian Portuguese structure. *In: Pires de Oliveira, R. et al. (org.). Brazilian Portuguese, Syntax and Semantics: 20 Years of Núcleo De Estudos Gramaticais. Linguistik Aktuell / Linguistics Today*, 2020. p. 68-85.

BASSO, R. M.; SOUZA, L. M. DE. Puta: a sintaxe e a semântica de um controverso intensificador. *Revista Diadorim*, v. 22, n. 2, p. 528-556, 2020. DOI: <https://doi.org/10.35520/diadorim.2020.v22n2a34290>

BASSO, R. M.; TEIXEIRA, A. Uma tipologia para as interjeições do português brasileiro. *Revista do GEL*, v. 16, n. 3, p. 10-34, 2019. DOI: <https://doi.org/10.21165/gel.v16i3.2593>

BHATT, R.; PANCHEVA, R. Late merge of degree clauses. *Linguistic Inquiry*, v. 35, n. 1, p. 1-45, 2004.

BECK, S. Comparison constructions. *In: MAIENBORN, C.; von HEUSINGER, K.; PORTNER, P. (org.). Semantics: An international handbook of natural language meaning. v. 2. Berlin: Mouton de Gruyter*, 2011. p. 1341-1390.

FOLTRAN, M. J.; NÓBREGA, V. Adjetivos intensificadores no português brasileiro: propriedades, distribuição e reflexos morfológicos. *Alfa*, v. 60, n. 2, p. 319-340, 2016.

GRICE, P. Lógica e conversação. *In: DASCAL, M. (org.). Fundamentos metodológicos da linguística*, vol. IV (Pragmática), Campinas, SP: Edição do Autor, 1982. p. 81-103.

GOMES, A. P. Q. Restrições aspectuais à distribuição do advérbio baixo 'muito'. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, SP, v. 60, n. 1, p. 198-221, 2018. DOI: [10.20396/cel.v60i1.8649885](https://doi.org/10.20396/cel.v60i1.8649885).

GUIMARÃES, M. R. *Dos intensificadores como quantificadores*. 2007. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

GUTZMANN, D. Expressives and beyond. *In: GUTZMANN, D.; GÄRTNER, H. M. (org.). Beyond Expressives: Explorations in Use-Conditional Meaning. Current Research in the Semantics Pragmatics-Interface (CRiSPI)*. Leiden: Brill, 2013. p. 1-58.

GUTZMANN, D. *Use-conditional Meaning*. Oxford: Oxford University Press, 2015.

GUTZMANN, D. *The grammar of expressivity*. Oxford: Oxford University Press, 2019.

GUTZMANN, D.; TURGAY, K. Expressive Intensifiers and External Degree Modification. *The Journal of Comparative Germanic Linguistics*, v. 17, n. 3, p. 185-228, 2015. DOI: [10.1007/s10828-014-9069-3](https://doi.org/10.1007/s10828-014-9069-3).

- ILARI, R. *et al.* Considerações sobre a posição dos advérbios. *In: CASTILHO, A. T. (org.). Gramática do português falado I: a ordem.* 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, 1991. p. 62-141.
- KENNEDY, C.; McNALLY, L. Scale structure, degree modification, and the semantics of gradable predicates. *Language*, v. 81, n. 2, p. 345-381, 2005.
- KRIFKA, M. Nominal reference, temporal constitution and quantification in event semantics. *In: BARTSCH, R. et al. (org.). Semantics and Contextual Expressions.* Dordrecht: Foris, 1989. p. 75-115
- McCREADY, E. Varieties of conventional implicature. *Semantics and Pragmatics* 3.8, p. 1-57, 2010. DOI: 10.3765/SP.3.8
- MORZYCKI, Marcin. Metalinguistic comparison in an alternative semantics for imprecision. *Natural Language Semantics*, v. 19, n. 1, p. 39-86, 2011.
- NAKANISHI, K. *Domains of measurement: formal properties of non-split/split quantifier constructions.* PhD Dissertation, University of Pennsylvania, 2004.
- PIRES DE OLIVEIRA, R.; SOUZA, L. M. de. Um rascunho para a semântica de *muito*: explorando a Semântica de Delineação. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 60, n. 1, p. 222-241, jan./abr. 2018.
- POTTS, C. *The Logic of Conventional Implicature.* Oxford Studies in Theoretical Linguistics 7. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- POTTS, C. The expressive dimension. *Theoretical Linguistics*, v. 33, n. 2, p. 165-97, 2007. DOI: 10.1515/TL.2007.011.
- PUSTEJOVSKY, J. *The generative lexicon.* Cambridge, Mass.: MIT Press, 1995.
- SWART, H. de. Mismatches and coercion. *In: MAIENBORN, C.; HEUSINGER, K. von; PORTNER, P. (org.). Semantics.* Berlin, Boston: de Gruyter; Mouton, 2011. v. 1. p. 574-596.
- RETT, J. The semantics of many, much, few, and little. *Language and Linguistics Compass*, v. 12, n. 1, p. 122-169, 2018.
- SAITO, F. S. Algumas expressões idiomáticas hiperbólicas do Português Brasileiro e suas relações com os frames de Avaliação e Massa Quantificada. *Gatilho, Juiz de Fora*, v. 8, n. 3, maio 2013.
- SANCHEZ-MENDES, L. *Flavors of intensity: the case of 'muito' in Brazilian Portuguese.* Comunicação apresentada no 13th Workshop on Formal Linguistics, Universidade de Brasília, 14-17, dez. 2021.

SANCHEZ-MENDES, L.; POLAKOF, A. C. *Usos expressivos de intensificadores*. Comunicação apresentada no Simpósio sobre la expresividad. Universidad de la República, Montevideo, Uruguay, 30 de maio de 2022.

SOLT, S. Q-Adjectives and the Semantics of Quantity. *Journal of Semantics*, v. 32, n. 2, p. 221-273, 2014.

SOUZA, L. M. de. Semântica formal e mudança de significado: o caso dos intensificadores. *In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN*, 10, 2017, Niterói. *Anais [...]*. Niterói: UFF, 2017. p. 1038-1050.

SOUZA, L. M. DE. Locuções graduadoras coloquiais. *Letrônica*, v. 12, n. 2, p. e32138-e32138, 2019. DOI: 10.15448/1984-4301.2019.2.32138

SOUZA, L. M. DE; BASSO, R. M. A modificação gradual de predicados não-graduais. *Cadernos do IL*, [S. l.], n. 63, p. 88-107, 2021. DOI: 10.22456/2236-6385.128502.

VON STECHOW, A. Comparing semantic theories of comparison. *Journal of Semantics* v. 3, p. 1-77, 1984.

Artigo recebido em 22 de novembro de 2022.

Artigo aceito em 11 de abril de 2023.